I – LÍNGUA PORTUGUESA

Os sentidos das palavras e seus mistérios

Para responder às questões de **1** a **13**, leia o texto a seguir.

TEXTO I

TINTIM

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas. Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora — isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba — existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas. Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins). Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular. "Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tem problemas demais.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de janeiro: Objetiva, 2001, p.63-64.

1. No texto, a principal questão que intriga o cronista durante alguns anos é (são)

a) o significado das palavras onomatopaicas "*tintim*" e "*triz*".
b) os significados misteriosos das palavras "*triz*" e "*tintim*".
c) a fração mínima da matéria que pode ser dividida e subdividida.
d) o fato de algumas palavras pertencerem ao "*obscuro mundo das microcoisas*".
e) a relação das palavras "*triz*" e "*tintim*" com a nova concepção de infinito.

2. O fragmento "*O* ***Aurelião*** *não nos ajuda.*" (linhas 20 e 21) sugere:

a) O descrédito da ação de procurar o significado de palavras em um grande dicionário.
b) A funcionalidade do dicionário, devido à precisão com que descreve o sentido das palavras.
c) A não aceitação dos sentidos conotativos descritos na maioria dos dicionários.
d) A limitação do dicionário, embora amplo, para retratar a dinâmica inerente à linguagem.
e) A importância da consulta ao dicionário, para esclarecer a significação das palavras de uma língua.

3. Considere a ideia circunstancial destacada em "[...] ***às vezes,*** *é a última coisa que nos ocorre.*" (linhas 11 e 12). Essa ideia NÃO é verificada no destaque do fragmento:

a) "[...] *ficaríamos tinindo* ***sem parar*** [...]" (linha 15)
b) "***Durante alguns anos****, o tintim me intrigou.*" (linha 1)
c) "*Isso* ***no tempo*** *em que as moedas, no Brasil, tiniam,* [...]" (linhas 13 e 14)
d) "[...] *ao contrário de hoje,* ***quando são feitas de papelão*** *e se chocam sem ruído.*" (linha 14)
e) "*— isto é, o espaço sem fim,* ***depois que o universo*** **acaba** —" (linhas 7 e 8)

4. No fragmento "*É verdade que,* ***se*** *tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto.*" (linhas 10 e 11), o termo "***se***" introduz uma estrutura oracional que

a) completa o sentido do termo "*É verdade que*".
b) expressa uma circunstância de condição.
c) completa apenas o sentido da palavra "*verdade*".
d) caracteriza uma qualidade do termo "*dicionário".*
e) apresenta o mesmo sentido da oração anterior.

5. Considerando, no texto, o uso dos termos apresentados a seguir, identifique com **V** a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e com **F**, a(s) falsa(s):

( ) O termo metonímico "*Aurelião*" (linha 12) ressalta, apenas, o tamanho do dicionário.
( ) A repetição do termo "*plim-plim*" (linha 18) destaca o seu valor onomatopaico.
( ) O termo "*obscuro mundo das microcoisas*" (linha 6) não se refere ao processo de significação das palavras "*triz*" e "*tintim*".
( ) O termo "*como a braça*" (linha 2) estabelece uma relação de comparação.
( ) O termo "*mudar de assunto*" (linha 23) sugere uma conversa do cronista com o leitor do texto.

A sequência correta é:

a) VVFVF **b)** FVFFV **c)** FFVVF **d)** VFVFF **e)** FVFVV

6. Considerando o fragmento "*Acho melhor mudar de assunto. O universo já tem problemas demais*." (linhas 23 e 24) que encerra o texto "tintim", é correto inferir:

a) A investigação feita para as palavras "*triz* e "*tintim*" foi bem sucedida.
b) O sentido dessas palavras não pode ser discutido em uma crônica.
c) A explicação sobre os sentidos das palavras "*triz* e "*tintim*" mostrou-se insatisfatória.
d) É oportuno desistir de continuar discutindo o sentido dessas palavras.
e) O sentido das palavras "*triz*" e "*tintim*" foi totalmente desvendado.

7. Em "*Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão* ***nem de tempo, nem de espaço nem de matéria,*** *resta o triz."* (linhas 19 e 20), os termos em destaque estão organizados por meio de um processo de

a) coordenação de termos oracionais de mesma função.
b) subordinação de termos oracionais de funções diferentes.
c) coordenação e subordinação de termos oracionais de mesmo sentido.
d) subordinação de termos oracionais de sentidos iguais.
e) coordenação de termos oracionais de funções diferentes.

8. No fragmento "*Assim como existe o infinito para fora* ***— isto é, o espaço sem fim, depois que o universo acaba —*** *existiria o infinito para dentro.*" (linhas 7 e 8), o fragmento em destaque

a) amplia o sentido do termo "*infinito para fora*".
b) altera o sentido de "*infinito para dentro*".
c) enfatiza o sentido de "*infinito para dentro*".
d) explica o sentido de '*infinito para fora*".
e) complementa o sentido de "*infinito para fora*".

9. Em "***Há*** *quem diga que não* ***existe*** *uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido."* (linhas 6 e 7), os verbos *haver* e *existir*

a) não podem, nesse contexto, ser flexionados, porque ambos são verbos impessoais.
b) concordam apenas com o pronome *quem*, porque estão na terceira pessoa do singular.
c) são submetidos a regras de concordância diferenciadas, porque "haver" é um verbo impessoal.
d) concordam com "*uma fração mínima de matéria*", porque estão na terceira pessoa do singular.
e) estão registrados na segunda pessoa do singular, porque ambos têm o mesmo significado.

10. Considerando, no texto, o uso das expressões "***sim-sim por sim-sim***." (linha 17), ***"quindim por quindim***." (linha 18), ***"plim-plim por plim***." (linha 18), identifique com **V** a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e com **F**, a(s) falsa(s):

( ) O efeito de sentido da expressão "*sim-sim por sim-sim*" (linha 17) reforça o sentido da expressão " *A menina muito dada*". (linha 17)
( ) A expressão "*quindim por quindim*" (linha 18) pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela expressão "*plim-plim por plim-plim*". (linha 18)
( ) O efeito de sentido da expressão "*plim-plim por plim-plim*" (linha 18) não depende do sentido da expressão "*telespectador habitual*". (linha 18)
( ) A expressão "*sim-sim por sim-sim*" (linha 17) pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela palavra "muito".
( ) A expressão onomatopaica "*plim-plim por plim-plim*" (linha 18) faz referência a um determinado canal de televisão.

A sequência correta é:

a) VVFVF **b)** FVFFV **c)** FFVVF **d)** VFVFF **e)** VFFVV

11. Em "*Imaginei* ***que*** *fosse alguma misteriosa medida de outros tempos* ***que*** *sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua*, etc." (linhas 1 e 2), o termo "que", na(s)

a) duas ocorrências, introduz orações de valores sintático-semânticos diferentes.
b) segunda ocorrência, retoma apenas a expressão "*misteriosa medida*".
c) primeira ocorrência, introduz oração que restringe o sentido do verbo imaginar.
d) segunda ocorrência, amplia o sentido do verbo *"sobreviver".*
e) segunda ocorrência, retoma apenas o termo "*sistema métrico".*

12. Em "*Originalmente, portanto, "****tintim por tintim****" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda.*" (linhas 12 e 13), a expressão em destaque

a) é atualmente desusada, porque os pagamentos, hoje, não são feitos com moedas.
b) caracteriza, apenas, uma ação realizada apressadamente.
c) é utilizada, unicamente, para pagamentos feitos moeda por moeda.
d) tem um sentido metafórico, porque lembra o formato arredondado das moedas.
e) refere-se a uma ação realizada de forma meticulosa.

13. A partir da leitura integral do texto *Tintim*, é correto afirmar:

a) A preocupação do cronista com os significados das palavras serviu de pretexto para criticar a corrupção no nosso país.
b) A complexidade dos significados das palavras foi discutida, apenas, para aumentar os problemas do universo.
c) Os significados de determinadas palavras já são tão óbvios que não precisam ser investigados em dicionários.
d) A descoberta de que o significado da palavra "*triz*", no dicionário, é "*icterícia*", não causou estranheza ao cronista.
e) O "mistério" da significação da palavra "*tintim*" não foi totalmente resolvido.

Para responder às questões de **14** a **20**, leia o texto a seguir.

TEXTO II

CANTIGA DE ESPONSAIS

[HISTÓRIAS SEM DATA]

[...]

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e naquele tempo. "Quem rege a missa é mestre Romão" - equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: - "Entra em cena o ator João Caetano"; - ou então: "O ator Martinho cantará uma de suas melhores árias". Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria se a missa fosse sua.

[...]

Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e as que a não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens. Romão era destas. Tinha a vocação íntima da música; trazia dentro de si muitas óperas e missas, um mundo de harmonias novas e originais, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa única da tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ela; uns diziam isto, outros aquilo: doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta: — a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe saía informe, sem idéia nem harmonia. Nos últimos tempos tinha até vergonha da vizinhança, e não tentava mais nada.

[...]

Um dia de manhã, cinco depois da festa, o médico achou-o realmente mal; e foi isso o que ele lhe viu na fisionomia por trás das palavras enganadoras: — Isto não é nada; é preciso não pensar em músicas...

Em músicas! justamente esta palavra do médico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalício começado. Releu essas notas arrancadas a custo e não concluídas. E então teve uma idéia singular: — rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

- Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão...

O princípio do canto rematava em um certo *lá;* este *lá,* que lhe caía bem no lugar, era a nota derradeiramente escrita. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal; era-lhe preciso ar. Pela janela viu na janela dos fundos de outra casa dois casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos ombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

—Aqueles chegam, disse ele, eu saio. Comporei ao menos este canto que eles poderão tocar...

Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao *lá...*

— *Lá, lá, lá...*

Nada, não passava adiante. E contudo, ele sabia música como gente. — *Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré,... ré... ré...*

Impossível! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas enfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltava ao princípio, repetia as notas, buscava reaver um retalho da sensação extinta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a ilusão, deitava os olhos pela janela para o lado dos casadinhos. Estes continuavam ali, com as mãos presas e os braços passados nos ombros um do outro; a diferença é que se miravam agora, em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe supria a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

—*Lá... lá... lá...*

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou.

ASSIS, Machado. **Os melhores contos de Machado de Assis**. São Paulo: Global, 2002, p. 221-224.

14. A peça musical iniciada em 1779 por mestre Romão, caso fosse concluída, seria executada em homenagem a(ao)

a) aniversário da Igreja do Carmo.
b) dois casadinhos de oito dias.
c) uma cerimônia de casamento.
d) padroeiro da Igreja do Carmo.
e) padre da Igreja de sua cidade.

15. No fragmento "É **bom músico** e **bom homem**;" (linhas 1 e 2), as expressões em destaque referem-se a (ao)

a) ator João Caetano, que assumira o posto de regente da orquestra.
b) mestre Romão, que, por muitos anos, regeu a missa do Carmo.
c) ator Martinho, que substituiu, também, o mestre Romão.
d) José Maurício, que, agora, rege a missa no Carmo.
e) médico, que atendia ao mestre Romão.

16. A maior causa da melancolia do mestre Romão era não mais poder

a) compor óperas trágicas.
b) reger a orquestra da Igreja do Carmo.
c) produzir uma peça musical.
d) assistir às músicas em sua paróquia.
e) cantar as óperas que tanto admirava.

17. No fragmento "*Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas*;" (linha 19) verifica-se a ocorrência da figura de linguagem

a) eufemismo, porque há o abrandamento de expressões rudes.
b) personificação, porque está sendo atribuída uma característica humana a um objeto.
c) ironia, porque a ideia apresentada causa um efeito contrário em relação à ideia apresentada pelo narrador.
d) hipérbole, porque ocorre um exagero em relação à ideia que está sendo apresentada.
e) antítese, porque as palavras que compõem esse termo estabelecem uma relação de oposição.

18. De acordo com o texto, a tristeza de Mestre Romão

a) é visível apenas durante a missa na Igreja do Carmo.
b) resulta da pobreza da personagem.
c) é causada pela solidão do Mestre Romão.
d) desaparece durante a regência da missa.
e) reflete as doenças desse regente de orquestra.

19. Leia.

"*Um dia de manhã, cinco depois da festa, o médico achou-o realmente mal; e foi isso o que ele lhe viu na fisionomia por trás das palavras enganadoras: — Isto não é nada; é preciso não pensar em músicas...*" (linhas 23 e 24).

Com relação a esse fragmento, é correto afirmar:

a) O excesso de trabalho provocou a doença de Mestre Romão.
b) A indisposição de Mestre Romão é passageira.
c) O médico atesta claramente a gravidade da doença de Mestre Romão.
d) Mestre Romão, apesar da doença, mostra-se otimista, para compor peças musicais.
e) Mestre Romão, através do semblante do médico, percebe a gravidade de sua doença.

20. Leia:

"*Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalício começado. Releu essas notas arrancadas a custo e não concluídas. E então teve uma idéia singular: — rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.*" (linhas 25 a 28).

Sobre esse fragmento, é correto afirmar:

a) Mestre Romão desejava, apenas, reger o seu "*canto esponsalício*".
b) A composição musical, para o Mestre Romão, não era tão importante para ser retomada.
c) Mestre Romão pretendia fazer do "*canto esponsalício*" uma grande obra.

d) A composição do "*canto esponsalício*" poderia assegurar um pouco de imortalidade ao mestre Romão.
e) Mestre Romão facilmente iniciara a sua "*Cantiga de Esponsais*".